

**CEMITÉRIO DOS BEXIGUENTOS – ECOS DE EPIDEMIAS DE VARÍOLA –
SÃO DOMINGOS DA BOCAINA (MG)**

Vanda Arantes do Vale
Universidade Federal de Juiz de Fora
vandaval@acessa.com

A proposta do texto é a apresentação de resultados parciais de pesquisa em andamento. Apresenta os aspectos principais abordados e a bibliografia consultada. Busca-se o entendimento dos diversos aspectos que envolvem o Cemitério dos Bexiguentos e as Memórias dos habitantes de São Domingos da Bocaina, MG. Bexiga é o nome popular dado à varíola, moléstia contagiosa e frequentemente mortal. É causada pelo micróbio *Poxvirus Variolae*, resultando em febre alta, vômitos, dores generalizadas e, sobretudo, o aparecimento de bolhas (bexigas), que deixam cicatrizes pelo corpo. A forma *varíola maior* é muito grave, matando vinte em cada cem atingidos (BERTOLLI FILHO, 1999).

O Cemitério dos Bexiguentos e as Memórias serão os pontos de partida da pesquisa. Construído a 7 km de São Domingos da Bocaina, constitui um espaço reservado aos que morreram em decorrência da varíola. Sobre o Cemitério, temos a “fala” dos habitantes locais, que constituem as Memórias de epidemias na região. Esses são os documentos que guiam a investigação. Pesquisa histórica possível pelas novas propostas historiográficas, que se fazem presentes após a década de 1970, quando novos objetos da pesquisa foram estudados por historiadores (CASANOVA, 1990; HOBBSAWM, 1998; MOREIRA, 2010; REIS, 2000).

Nos próximos parágrafos, destacaremos a bibliografia que guia e aclara o entendimento de nosso objeto de estudo. Apresentamos as notas iniciais de pesquisa em andamento. São Domingos da Bocaina, como informado anteriormente, é distrito do Município de Lima Duarte, situado no sudoeste da Zona da Mata Mineira. As primeiras povoações, no período colonial, estão na Serra de Ibitipoca, “ao redor de São Domingos da Bocaina e à margem do Rio do Peixe” (ALMEIDA, 2016) e se formaram devido à exploração do ouro da região. Esse tipo de exploração é de fácil execução e rápido

esgotamento. A ocupação e sobrevivência desses locais foram objetos de estudos, em seus diversos aspectos (DELGADO, 1962; OLIVEIRA, 2019; CARRARA, 2006), dentre outros. Os textos desses autores serão consultados na busca de contextualização do objeto estudado.

Philippe Ariés (2017), em **História da morte no Ocidente**, tem sido condutor de pesquisas da área, inclusive a nossa. Na obra **A solidão dos moribundos**, Norbet Elias (2001) faz críticas a Ariés, considerando-o um romântico e um autor que escreveu uma obra meramente descritiva (MENEZES, 2004). As observações desses autores são relevantes para o entendimento da agonia e morte de muitas pessoas em São Domingos da Bocaina, cujo cemitério fica junto da Igreja. Contudo, o medo do contágio das bexigas fez com que fosse criado um local específico para os sepultamentos dos portadores da doença.

As discussões sobre sepultamentos, influenciadas pelos discursos científicos do período, trouxeram para a sociedade brasileira, ao longo do século XIX, várias questões que envolvem a morte. Destacam-se, nos referidos debates, a questão da proibição de enterros nas Igrejas e a construção de cemitérios. Essas questões têm sido estudadas por um número expressivo de pesquisadores (COELHO, 2006; COSTA, 2007; PAGOTO, 2004). O cemitério em estudo é resultado da exclusão dos bexigentos do cemitério público, pelo medo do contágio; assim, foram excluídos na doença e na morte.

A varíola é elemento central do estudo proposto e deve ser observada como doença contagiosa e ameaçadora da morte. Nas pesquisas sobre doenças, destacamos os estudos de Chalhoub (1987), Farrel (2003), Le Goff (1991), Revel e Peter (1976), Quaresma (2011), Silveira e Nascimento (2004), Sournia (1991).

Silveira e Nascimento (2004) afirmam que as doenças alteram o cotidiano das pessoas e dos grupos sociais, visto que:

(...) a doença é um fenômeno que ultrapassa e a representação não é apenas um esforço de formulação mais ou menos coerente de um saber, também interpretação e questão de sentido. A interpretação coletiva dos estados do corpo coloca em questão a ordem social, revela-nos as relações existentes entre o biológico e o social. Por meio da saúde e da doença temos acesso, portanto, à imagem da sociedade e de suas imposições aos indivíduos (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 29).

Os aspectos mencionados pelas pesquisadoras são perceptíveis em nossa pesquisa, pois só se pode entender a dramaticidade das epidemias, correlacionando o corpo com a dinâmica social. Esse aspecto será retomado e mencionado posteriormente. Na segunda metade do século XIX, é consolidado o postulado de que as doenças são geradas por agentes patológicos específicos, fator que fundamenta as bases para a criação das Políticas Públicas de Saúde. Os estudos sobre as epidemias são possibilidades de desvelamento da história das sociedades (QUARESMA, 2011; HOCHMAN, 1998, 2009a, b, 2011).

O memorialista Pedro Nava (1903-1984), no livro **Baú de ossos** – memórias, reconstitui uma epidemia de varíola no Ceará:

Depois a tremenda desgraça que se abateu sobre a província com a seca de 77 e o seu cortejo de horrores. A desorganização coletiva acarretada pelas migrações dos retirantes, a desgraça de cada um encarando a fome e as fúnebres companheiras do flagelo: epidemias de cólera e de bexigas. Segundo Pedro Sampaio, a varíola tinha entrado no Ceará com o tráfico africano e desde 1804 começam as notícias de suas devastações. Mas nunca ela se abateu em parte alguma do Brasil com a violência com que pesou sobre as populações – agora debilitadas pelas caminhadas, ressecadas pela sede e exauridas pela fome. Nos anos terríveis de 77 e 78, levando em conta a população de Fortaleza, o morticínio acarretado pela pustulenta foi muito maior que o de calamidades clássicas como a peste de Atenas e a peste-negra da Idade Média. Basta dizer que, em dois meses, a capital cearense viu morrerem 27.378 vítimas da doença e o Barão de Studart conta que houve um dia em que foram dar ao Cemitério de Lagoa Funda 1.008 cadáveres. O esfalfamento dos coveiros deixava-os por enterrar. Num enxame de moscas e num voejar de urubus, eles cresciam dos caixões, das redes e dos sudários-roxos, da “hemorrágica”; esfolados, da “confluente”; dourados da crosta simples – as barrigas imensas papocando ao sol incorruptível. Além de testemunharem essas cenas incomportáveis de passarem o dia, à porta, socorrendo famintos, de verem nas ruas da cidade a dança macabra dos esqueletos ainda vivos de uma população em agonia – meus avós tiveram o toque da doença em pessoa muito cara. Minha tia Marout foi atingida e, ao levantar-se, era um espectro do que tinha sido. Seus imensos olhos escuros reduziram-se, apertaram-se e ficaram piscos de receberem a luminosidade que os cílios perdidos não amorteciam; suas tranças, grossas como cordas e escuras como a noite, grisalharam e ficaram ralas; sua pele mais lisa que a dos jambos ficou toda áspera e lembrando casca de goiaba branca. Cuspiu, um por um, trinta e dois dentes perfeitos que foram substituídos pela fosforecente dentadura dupla que, anos depois, eu a via lavar e escovar, tomado, ao mesmo tempo, de sentimento de pejo e de ideias mágicas e ancestrais (NAVA, 1972, p. 62-63).

O quadro ocorrido no Ceará foi comum em diversas cidades brasileiras. Após meados do século XIX, encontramos sinais de atenção do Governo Imperial à questão, germens da centralização administrativa. Estabeleceu-se a Junta Central de Higiene Pública (1850), que passou a coordenar as atividades de Polícia Sanitária, vacina antivariólica e fiscalização do exercício da Medicina. A ação do órgão era restrita devido às distâncias, à escassez populacional, entre outros fatores. A atuação do Estado se limitava à internação de doentes graves em lazaretos e enfermarias improvisadas e à internação de doentes mentais em hospícios fundados no Rio e em São Paulo (1852), Recife (1861), Salvador (1874) e Porto Alegre (1889) (CUNHA, 1989).

A enfermidade varíola tem sido estudada por pesquisadores de diversas áreas. Os aspectos gerais da questão podem ser encontrados nos textos de Sacramento (2018) e Gazeta (2006). Os autores colocam em relevo as questões urbanas, visíveis com as epidemias, os impactos na sociedade brasileira e as discussões que envolveram a organização da Saúde Pública no país. Destacaremos os trabalhos sobre a varíola em Minas Gerais (SILVEIRA; MARQUES, 2011; FONSECA; TOLEDO, 2009).

A pesquisa proposta, como já informado anteriormente, tem como documentos os seguintes pontos de partida: a) Cemitério dos Bexiguentos; e b) entrevistas sobre o tema com os moradores locais. Temos buscado nortear as entrevistas seguindo as observações de Valdete Boni e Silvia Quaresma (2005), no artigo intitulado “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”. As autoras escrevem para o público da Sociologia; contudo, consideramos as observações pertinentes ao nosso estudo. Outros textos sobre o assunto serão consultados para a contribuição de um método de elaboração de técnicas nas entrevistas e a análise das mesmas (BRITO JUNIOR; FERES JUNIOR, 2011; ROSA; ARNOLDI, 2006).

Temos adotado, em nossas atividades profissionais e pesquisas, as propostas de investigações que seguem o caminho da História Social. Algumas observações sobre Memória e Memórias serão apresentadas. Nas Memórias, identificadas durante as entrevistas, buscaremos localizar a existência de epidemia ou epidemias de varíola que não foram presenciadas pelos entrevistados. Todavia, no presente, paira como um elemento que pertence ao imaginário da comunidade.

As relações de Memórias com a História são complexas. O objetivo da pesquisa é conhecer aspectos que envolvem a varíola, partindo dos relatos dos moradores de São Domingos da Bocaina, local onde se encontra o cemitério. A proposta de se fazer uma pesquisa em História, partindo de um cemitério e entrevistas, só é possível com as novas abordagens historiográficas, já vistas anteriormente (REIS, 2000). Acreditava-se que as Memórias não teriam a objetividade dos textos escritos, mas os novos estudos mostram o valor de se trabalhar com as Memórias. Raimundo Moreira (2011) afirma que:

Todavia, a explicação tradicional, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história espelha a memória, parece demasiado simplista na contemporaneidade. A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como atividades inocentes que julgávamos até bem pouco tempo atrás. Tanto as histórias como as memórias não mais parecem ser objetivas (MOREIRA, 2011, p.2.).

Como já visto anteriormente, após a década de 1970, novas questões foram postas para os historiadores. Nas três últimas décadas do século XX, adentrando-se pelo XXI, tem-se buscado a desconstrução da Modernidade. Globalização, flexibilização de leis trabalhistas, direitos das minorias, estudos culturais, entre outros, são palavras que têm identificado o período. Enfatizam-se e estudam-se preocupações com os sujeitos na História. Pesquisas que se debruçam sobre relatos pessoais – Memórias – e um Cemitério, considerado como documento, trazem enriquecimento para a historiografia.

Maurice Halbwacs (1877-1945), na obra **A memória coletiva**, foi pioneiro no campo de estudos sobre a Memória na área das Ciências Sociais. Acentua o aspecto que a Memória individual tem uma dimensão coletiva. Temática que, até então, era estudada nas áreas de Psicologia e Filosofia. Segundo o autor, os aspectos mais destacados e relacionados com a construção das Memórias são a família, a religião e o grupo social. Acrescenta que os indivíduos articulam suas Memórias em função do pertencimento a uma família, a uma religião ou a uma classe social determinada.

Continuando com o pensamento de Halbwacs, o autor observa que, na família, o marco coletivo se ordena segundo um critério genealógico, que permite a reconstrução de uma memória familiar na qual está incluído o indivíduo. O meio *mnemotécnico*

marcante, utilizado pela família, é o nome próprio, pois este identifica o indivíduo e o insere em uma trama genealógica. O pertencimento a uma comunidade religiosa, com seus dogmas, faz a diferenciação de outras, unifica uma série de pensamentos introjetados pelos indivíduos. Finalmente, o grupo social é o terceiro aspecto estudado pelo autor na formação da Memória individual.

O texto de Halbwachs aclara o entendimento das falas no universo pesquisado. São lembranças e memórias de fatos e pessoas que pertencem às histórias individuais dos entrevistados. Escritas ou faladas em momentos de introspecção, as Memórias são povoadas dos que estiveram presentes na trajetória do que fala ou escreve. Escrever ou falar sobre o passado é o resultado de um olhar sobre outro tempo e sua retomada. Olhar estimulado pelas questões do presente selecionadas pelo mesmo. Escrita ou falas de indivíduos que se formaram socialmente, portanto, toda Memória é social (HALBWACHS, 2013). A pesquisa é pautada por entrevistas, e os aspectos destacados por esse autor serão observados e contextualizados na sociedade brasileira (1880-1920).

Assinalamos, ainda, nas leituras sobre Memórias, os seguintes autores: Ecléa Bosi (1983), com **Lembrança de velhos**; Déa Ribeiro Fenelonet al. (2004), com **Muitas memórias outras histórias**; e Antônio Montenegro (2010), com **História, Metodologia, Memória**. Esses estudiosos enfatizam os fatores sociais que ocorrem nas Memórias, apresentando observações que são pertinentes e auxiliares no entendimento de nosso objeto de estudo.

As entrevistas realizadas com os moradores de São Domingos da Bocaina, em 2019, versam sobre acontecimentos não presenciados pelos entrevistados. Pertencem às memórias familiares e locais dessa cidade. Evocam a presença da varíola e identificam questões nacionais e suas especificidades locais. O período é de propostas modernizadoras da sociedade brasileira, e as questões de Saúde estão em seu bojo. Denominamos Modernização da sociedade brasileira as transformações visíveis no período de 1870 a 1920. São marcos políticos do período: a fundação do Partido Republicano (1870), a Abolição (1888) e a Proclamação da República (1889). Transformações políticas, ajustes ao momento do Capitalismo Monopolista que se estendeu mundialmente, tempo da *Belle Époque* (1870-1914) (VALE, 2012).

O capitalismo monopolista estendeu-se, mundialmente, em decorrência da formação de potências europeias industrializadas, consumidoras de matérias-primas da Ásia, África e América Latina e exportadora de capitais, serviços e produtos industrializados. A construção do capitalismo norteado pelo Liberalismo, proposta iluminista, construiu uma sociedade, que, aos entusiastas, naquela época, parecia caminhar em um progresso crescente, período que mereceu o epíteto de *Belle Époque*. Pesquisas em laboratórios possibilitariam o fim das epidemias. Automóvel, cinema, telégrafo, barco a vapor, aeroplanos e arranha-céus foram alguns dos marcos do mundo organizado e norteado pela Razão (VALE, 2012).

O processo de modernização da sociedade, que, na Europa, desde fins do século XVIII, significou a adequação econômica, social e cultural ao capitalismo, ocorreu na América Latina nas três décadas finais do século XIX. Entretanto, desde as décadas iniciais do século XIX, discussões e medidas governamentais, pontuais, estiveram em pauta. A construção de Belo Horizonte, inaugurada em 1897, bem como a industrialização de Juiz de Fora (1870-1930), apontam para novas propostas sociais e políticas. Essas são amostras, em Minas Gerais, do processo modernizador brasileiro, em sua busca de se superarem os resquícios coloniais que adentraram pelo Império (VALE, 2009).

Entre as propostas modernizadoras, estão as questões que envolvem a Saúde. Pesquisas científicas europeias culminam em descobertas científicas, como se pode observar a seguir: Pasteur (1822-1875) criou a vacina antirrábica; Roberto Koch (1843-1910) identificou o bacilo causador da tuberculose em 1882 e o bacilo do cólera em 1884, estes são exemplos dos mais conhecidos sobre o avanço científico do período (VALE, 2009). Essas são realizações entendidas em seu contexto histórico e tornadas possíveis pela aceitação do materialismo, que se impôs até fins do século XIX (LARA, 1986). Sanear, higienizar e urbanizar são palavras recorrentes na *Belle Époque*.

No processo de urbanização, as epidemias, que sempre estiveram presentes, tornam-se preocupantes ao final do século XIX e são citadas, frequentemente, nos discursos modernizadores que foram elaborados no período (SCOREL; TEIXEIRA, 2008). A questão da varíola, bem como de sua erradicação por meio de vacinas,

estiveram em pauta nas discussões políticas dos sanitaristas até o final da década de 1910, notadamente, após a Proclamação da República (HOCHMANN, 2011). As questões de saúde e doenças trazidas a público são peças do mosaico que formam o cenário da Modernização e da *Belle Époque*, assunto de que trataremos nos próximos parágrafos.

O Sanitarismo, destacado anteriormente, esteve no bojo das propostas modernizadoras e um de seus exemplares, no Brasil, é a construção de Belo Horizonte (1894-1914). Projeto perpassado pelas propostas médicas do período – valorização de postulados científicos, higienistas e civilizadores. Trata-se de uma cidade com largas avenidas, setorizada e com construções seguindo a arquitetura eclética (SALGUEIRO, 1987). Expressão estética e política da modernização proposta por grupos dirigentes, forjadas em princípios científicos para a união da pluralidade e das diferenças regionais do Estado. Nas questões de Saúde e Doenças, Políticas Públicas buscaram a construção de uma Minas Gerais moderna. São etapas da referida proposta a organização, em 1895, de um serviço sanitário com a criação do Conselho de Saúde Pública e da Delegacia de Higiene e Vacinação. Médicos participaram, ativamente, do projeto, por exemplo, pode ser citado Cícero Ferreira, que participou da Comissão Construtora, da criação da Santa Casa e da fundação da Escola de Medicina (CHAVES, 2011; SILVEIRA, 2007).

Tem-se conhecimento de notícias de epidemias de varíola, em Minas Gerais, desde os primórdios da colonização. Assim, novos olhares são dirigidos a essa doença no século XIX. Destacamos a organização do mundo capitalista e a organização da ex-colônia e ex-vice-reino unido em estado independente. Organizou-se uma sociedade agro-escravocrata exportadora, garantindo a sobrevivência de resquícios coloniais. As discussões sobre Saúde Pública entram em pauta e caminham para a centralização administrativa nacional, que será realizada ao longo da Era Vargas (1930-1945) (VALE, 2012; BARROSO, 2017; BRITO, 1995; CHALLOUB et al., 2003; SEVCENKO, 2010; COSTA, 1986; FERNANDES, 1999; DUTRA, 2003; LUZ, 1982; NEVES; HEIZER, 1991; SAMPAIO, 2001; SILVEIRA, 2007; SOUZA, PITANGUY, 2006; SCHWARTZMAN, 2001).

As observações sobre as relações Memória e contexto social serão feitas, a partir de leitura de textos do inglês Eric Hobsbawm (1917-2012). Diversas conferências proferidas por esse historiador foram publicadas no livro **Sobre História**. Destacamos as observações que o autor fez no capítulo intitulado “Da história social à história da sociedade” (HOBSBAWM, 1998). Nesse ensaio, escrito em 1972, o autor expõe sua conduta sobre História Social, e este será um dos fios condutores desta pesquisa. Temos mencionado a varíola ao longo do texto. Nos próximos parágrafos, pontuaremos alguns de seus aspectos. Um texto colonial descreve as vítimas da varíola:

Verdade é que os que adoecem de uma espécie de bexigas, a que chamam pele de lixa, por fazer a pele do enfermo semelhante à daquele peixe, quase que nenhum escapa, porque se lhes despe a pele do corpo, como se fosse queimada ao fogo com o deixar todo em carne viva; e eu sei de enfermo ao qual se lhe caiu a pele de uma perna toda inteira, ficando fora dela, como meia-calça, e desta maneira morre muita gente, sem se poder achar remédio preservativo para tão grande mal, com ser doença que se comunica de uns a outros, como se fora peste (ANÔNIMO, 1977, p. 6).

O episódio conhecido como Transmigração da Família Real (1808) tem diversos significados para a sociedade brasileira. Faz-se um esforço para se adequar a colônia portuguesa ao mundo norteado pelo Liberalismo. Como são diversos pontos visíveis que identificam a busca de adequação, neste estudo, destacaremos as relativas à Saúde. Buscou-se organizar o ensino médico com as fundações de academias médico-cirúrgicas no Rio de Janeiro (1813) e na Bahia (1815), locais onde foram criadas as primeiras escolas de Medicina do país. Com a Independência do Brasil, em 1822, D. Pedro I criou a Imperial Academia de Medicina, órgão consultivo em Políticas de Saúde, sendo desse período o esforço, pouco eficaz, da criação da Junta de Higiene Pública (VALE 2009).

As discussões sobre as epidemias reconheciam o caráter contagioso da doença, mas as causas e os tratamentos divergiam. A teoria dos “miasmas” e as discussões sobre a eficácia da vacinação se estenderam pelo século XIX. A Proclamação da República, em 1889, foi norteada por grupos que propunham a modernização do país. A influência positivista, na organização do novo momento, enfatizava a valorização da Ciência como elemento norteador da organização nacional, com Ordem e Progresso. As questões da imigração, urbanização e industrialização, iniciadas nas três últimas décadas do século

XIX, ficam mais evidentes no período de 1890-1910. Para o progresso e a ordem da nova sociedade, seriam necessárias novas políticas. Limpar, sanear e embelezar as cidades foram as palavras de ordem do grupo dirigente. A Medicina Científica assumiu o papel de condutor do Estado e sua modernização nas questões de Saúde (BARROSO, 2017).

A Medicina Científica tem seus pilares na Bacteriologia e na Fisiologia, conhecimentos organizados por Louis Pasteur (1822-1895) e Claude Bernard (1813-1878). Foram conquistados espaços para essas propostas e, no Brasil e exterior, foram organizados os “saberes”: Medicina Pública, Medicina Sanitária e Higiene, denominadas, posteriormente, de questões da Saúde Pública. A organização da Medicina Científica e suas propostas é formada de lutas por espaços e lutas entre aceitação e rejeição da população. A nova organização política e as propostas científicas exigiram a organização e reorganização dos serviços públicos de Saúde, por exemplo, podem ser citados os serviços públicos estaduais. Como os serviços de Saúde eram desorganizados, eles receberam críticas e hostilidades da população; contudo, aconteceram avanços e se criou a percepção da necessidade de se sanear o país:

A contínua intervenção estatal nas questões relativas à saúde individual e coletiva revela a criação de uma “política de saúde”. Esta por sua vez não pode existir isolada, devendo articular-se com os projetos e as diretrizes governamentais voltados para outros setores da sociedade, tais como educação, alimentação, habitação, transporte e trabalho. No conjunto, a presença e a atuação do Estado nessas áreas recebe o nome de *política social* (BERTOLLI FILHO, 1999, p. 12).

As pesquisas sobre a organização da Saúde Pública e o seu ideário condutor – Higienismo, Sanitarismo e busca da hegemonia da Medicina Científica – têm-se mostrado como contribuições à historiografia brasileira. Inseridas em diversas propostas metodológicas, têm expandido o conhecimento sobre a temática. A prática da vacina variólica é representada como marco da organização da Saúde Pública brasileira (LOPES, 1996, p. 65). Dentre as epidemias, destaca-se a varíola como motivadora de discussões e busca de soluções. A expansão da ocupação de novas áreas, bem como a urbanização em diversos pontos do país, mostram que as questões de atendimento

médico e da erradicação das epidemias é recorrente no processo de modernização da sociedade brasileira (BENCHIMOL, 1992, 2003; BERTOLLI FILHO, 1999; FIGUEIREDO, 2001; HOCHMANN, 1998; LUZ, 1982; SAYD, 1998; SANTOS, 1985; RIBEIRO, 1993).

As entrevistas com os habitantes de São Domingos da Bocaina, localidade que conheceu a epidemia ou epidemias de varíola estão em andamento. São indivíduos que relatam suas Memórias, ou seja, recordações que se formaram socialmente. Evocam as falas de seus pais e avós. Trata-se de sons do passado que falam da dor e do sofrimento que marcaram os bexiguentos. O cemitério é preservado e é local sagrado para os habitantes, haja vista preservar o passado das bexigas.

Ouvindo os relatos, podemos fazer um cálculo aproximado da ocorrência de uma epidemia na década de 1890. Os entrevistados, contudo, falam em diversas epidemias da doença. Os depoentes têm, em comum, a lembrança de, em suas infâncias, terem conhecido D. Bárbara, sobrevivente de uma epidemia. Também observamos que existem outros cemitérios de bexiguentos em localidades próximas. São Domingos da Bocaina tem vivido o esvaziamento de sua população com a queda de valor da malacaxeta e do caulim. A população jovem se dirige para centros maiores em busca de empregos, então, no local, permanecem os mais velhos, aposentados em sua maioria.

Consideramos relevante o resgate de fatos que envolvem o referido cemitério. Esse resgate ostra como as questões nacionais, tais como as epidemias, apresentam-se em regiões longínquas e sem expressões econômicas nos âmbitos estadual e nacional. A pesquisa espera contribuir para a História da localidade e região, estudando um aspecto que tem sido de interesse das linhas de pesquisa em História da Saúde e das Doenças, que seguem as propostas da História Social

Nesta investigação, realizamos uma apresentação de autores que nos ajudam na condução da pesquisa. Temos escutado e gravado Memórias de seis habitantes de São Domingos da Bocaina. Visitamos e fotografamos o Cemitério dos Bexiguentos. Nas entrevistas, são registradas as Memórias de filhos e netos de pessoas que tiveram participações ativas nas epidemias. O título da pesquisa é **CEMITÉRIO DOS BEXIGUENTOS – ECOS DE EPIDEMIAS DE VARÍOLA – SÃO DOMINGOS**

DA BOCAINA (MG). Nos relatos, buscaremos captar os ecos das epidemias. A palavra “eco” tem o seguinte significado: “um *eco* é uma reflexão de som que chega ao ouvinte pouco tempo depois do som direto” (WIKIPEDIA). Tratamos as entrevistas como ecos das epidemias de varíola. Assim, com esta pesquisa, esperamos contribuir para a História da Saúde e das Doenças em seus aspectos sociopolíticos e econômicos.

Referências

ANÔNIMO DO SÉCULO XVII. **Diálogo das grandezas do Brasil**. São Paulo: Ática, 1977.

ALMEIDA, Ana Paula Evangelista (Org.). **Minha terra – minhas memórias**. Lima Duarte: EE Adalgisa de Paula Duque, 2016.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2017.

BARROSO, Elaine Laier. **Epidemias e modernização capitalista – higienismo e coerção aos populares na Manchester Mineira em fins do século XIX**. Juiz de Fora: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

BENCHIMOL, Jaime Pereira Passos. **Um Hausmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Cultura, 1992.

BENCHIMOL, Jaime Pereira Passos. Reforma urbana e Revolta da Vacina. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____; Luiz Antônio Teixeira. **Cobras, lagartos e outros bichos: uma história comparada dos Institutos Oswaldo Cruz e Butantã**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1993.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História da Saúde Pública no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BRITO JUNIOR; FERES JUNIOR. A utilização da técnica da entrevista em trabalho científico. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, p. 237-250, 2011.

BRITO, Nara. **Oswaldo Cruz – a construção de um mito**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

CARRARA, Ângelo. **Minas e currais**: produção rural e mercado interno de Minas Gerais. 1674-1807. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

CASANOVA, Julián. **La História social y los historiadores**. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

CHAGAS, Daiana Crús. **Erradicando doenças**: de projeto internacional ao sistema de vigilância epidemiológica – a erradicação da varíola no Brasil (1900-1970). 2008. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

CHALLOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALLOUB, Sidney et al. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: EDUNICAMP, 2003.

CHAVES, Bráulio Silva. Instituições de Saúde e a ideia de modernidade em Minas Gerais na primeira metade do século XX. In: MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (Orgs.). **História da Saúde em Minas Gerais**: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Barueri, SP: Minha Editora, 2011. p. 28-65.

COELHO, Agostinho Junior Holanda. O discurso médico de transferência dos enterramentos das igrejas para os cemitérios em São Paulo (1820-1860). Usos do passado. In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Rio de Janeiro: 2006.

COSTA, Fernanda M. Matos. **A morte e o morrer em Juiz de Fora – transformações dos costumes fúnebres, 1851-1890**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

COSTA, N. do R. **Lutas urbanas e controle sanitário**: origens das políticas de saúde. 2. ed. Petrópolis: Vozes. Rio de Janeiro: 1986.

CUNHA, Maria Clementina. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

DELGADO, Alexandre Miranda. **Memória histórica sobre a cidade de Lima Duarte e seu município**. Juiz de Fora: Edição do Autor, 1962.

DUTRA, Bianca Pataro. **Comissários vacinadores e a circulação da vacina antivariólica na Província de Minas Gerais (1846-1886)**. Mariana: UFOP, 2003. (Monografia de Bacharelado).

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ESCOREL, Sarah; TEIXEIRA, Luiz Antônio. História das políticas de saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista. In: GIOVANELLA, L. et al. (Orgs.). **Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.p. 333-384.

FARREL, Jeanet. **A assustadora história das pestes e epidemias**. São Paulo: Prestígio, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.). **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FERNANDES, Tânia Maria. **Vacina antivariólica**: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1820). Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FONSECA, Ana Carolina; TOLEDO, Eliza Teixeira. **Variola e vacina antivariólica na Província de Minas Gerais no século XIX – análise da documentação à luz da historiografia**. In: MATA, Sérgio Ricardo; MELLO, Helena Miranda; VARELLA (Orgs.). **Anais... 3º. SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA: APRENDER COM A HISTÓRIA**. Ouro Preto: EDUFOP, 2009.

GAZETA, Arlene Audi Brasil. **Uma contribuição à história do combate à variola no Brasil**: do controle à erradicação. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2006.

HALBWACS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história das sociedades. In: _____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 83-105.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do saneamento**: as bases da política de Saúde Pública no Brasil. São Paulo: Hucitec: ANPOCS, 1998.

HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de Saúde Pública de Juscelino Kubitschek. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 16, p. 313-331, 2009a.

_____. Priority, invisibility and eradication: the history of smallpox and the Brazilian Public Health agenda. **Medical History**, London, v.53, n.2, p. 229-252, 2009b.

_____. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16, n. 2, p. 375-386, 2011.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da razão no Ocidente**: a filosofia do Renascimento aos nossos dias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE GOFF, Jacques. Uma história dramática. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1991. p. 10 - 11.

LOPES, Myriam Bahia. O sentido da vacina ou quando prevenir é um dever. Rio de Janeiro. **Revista História, Ciências e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 65-79, mar./jun. 1996.

LUZ, Madel. **Medicina e ordem Política Pública brasileira**: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MENEZES, Rachel Alencar. A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte. **Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n. 1, p. 147-171, 2004.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Raimundo. **História e memória**. Disponível em: <www.fja.edu.br/proj_acad/praxis_2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**: memórias. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. **A ordem é o progresso**. 12. ed. São Paulo: Atual, 1991.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **O lado oculto da opulência: comunidades rurais no século XVIII**. Disponível em: <www.humanas.ufpr.br>. Acesso em: 12 fev. 2019.

PAGOTO, Amanda. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

QUARESMA, Paulo Sérgio Andrade. As doenças e a história do homem: um itinerário em comum. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. **Anais**. São Paulo: 2011.

REVEL, Jacques; PETER, Jean Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Portugal: Terramar, p. 20-30.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim...inventário da Saúde Pública de São Paulo - 1880-1930**. São Paulo: EDUNESP, 1993.

ROSA, Maria Virgínia Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSEN, George. **Uma história da Saúde Pública**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1994.

SACRAMENTO, Jonatas Jackson. **Saberes, poderes e corporalidades**: a biopolítica da erradicação da varíola. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SALGUEIRO, HelianaAngotti. O ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1987.p. 104-145.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura – as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas: EDUNICAMP, 2001.

SANTOS, Luis Antônio de Castro. O pensamento sanitário na I República – uma sociologia da construção da nacionalidade. **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina – mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Scipione, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência – a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2010 [1983].

SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres da. **A influenza espanhola e a cidade planejada – Belo Horizonte, 1918**. Belo Horizonte: Argvmentum, 2007.

_____; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A doença revelando a História. Uma historiografia das doenças. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs.). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.p. 10-22.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; MARQUES, Rita de Cássia. Sobre a varíola e as práticas da vacinação em Minas Gerais (Brasil) no século XIX. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.16, n. 2, p. 387-396, 2011.

SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1991. p. 22-35.

SOUZA, Alícia Navarro; PITANGUY, Jacqueline. **Saúde, corpo e sociedade**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2006.

VALE, Vanda Arantes. Modernismo: saúde e Estado (1920-1935). **Locus – Revista de História**, Juiz de Fora, UFJF, v. 15, n. 2, 2012.

_____. **Pedro Nava (1903-1984) – cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890-1940)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.